



GT 40. Etnografia e documentos

Coordenador(es):

Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

André Gondim do Rego (IF Brasília)

Sessão 1

Debatedor/a: Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria Fernanda Maidana (Universidad Nacional de Tierra del Fuego)

Sessão 3

Debatedor/a: Martiniano Alcantara Neto (Universidade de Brasília)

Os documentos fazem parte do conjunto de materiais e artefatos acessados (e produzidos!) pelos antropólogos desde a institucionalização da disciplina. Em períodos diversos, eles atingem níveis de importância e de centralidade na consolidação do campo antropológico; níveis que vão do desprezo, enquanto fonte de informação imediata e dominação sobre aquilo que se documenta (LATOURET, 2012), ao esforço de encará-los por uma leitura a contrapelo, evidenciando as suas capacidades organizativas e criativas (HULL, 2012; ZEITLYN, 2012). Cada vez mais, os documentos são incorporados à prática etnográfica. Em várias de nossas pesquisas antropológicas, partes significativas do ponto de vista de “nossos outros” podem estar documentadas nos mais diversos formatos. Olhar atentamente para documentos representa uma porta de acesso às lógicas e práticas de funcionamento dos ambientes que os produzem, dos circuitos que eles são colocados e operam, das redes em que figuram e das relações de poder que aderem a eles. Esse GT pretende receber reflexões e estudos que perpassam a relação entre etnografia e documentos em diferentes sentidos. Nosso interesse recai tanto em investigações que tenham os documentos como elemento central, como para outras que os transpassam e os transbordam para o melhor entendimento do universo estudado.

Uma etnografia de arquivos pessoais: correspondências da perseguição ao exílio político durante a ditadura militar brasileira

Autoria: Pilar Saldanha de Miguel (PPGSA/UFRJ)

O presente work de pesquisa é fruto de uma experiência pessoal e familiar. A partir de arquivos pessoais que chegaram às minhas mãos através de vínculos de parentesco, proponho-me a elaborar uma etnografia de documentos. Neste work, introduzo questões iniciais e reflexões à análise de correspondências de meu pai durante a perseguição e exílio político no período da ditadura militar brasileira. A pesquisa em andamento parte da antropologia e toma os documentos como artefatos da história decorrentes de relações entre pessoas, compreendendo estas como relações primárias à existência humana, incorporadas em uma matriz de relações com outros (Strathern, 1990). Faz-se necessário o diálogo entre a literatura sobre arquivos pessoais do campo da história política com o campo da antropologia de documentos, à literatura de memória, verdade e justiça. Aos debates que sucederam a ditadura militar, constituiu-se enquanto movimento social e acadêmico, como parte da articulação teórica e política na América Latina de mobilizações frente aos impactos causados por ditaduras, pautados pela luta por reparação, políticas públicas e pela memória social coletiva. Ressalto que o campo de estudos da memória atrelado ao campo da memória, verdade e justiça compreende o reconhecimento de estudos e da articulação política de familiares de perseguidos políticos,



mortos e desaparecidos. Para esta comunicação pretendo estabelecer três frentes de reflexão: primeiro, a questão teórico-metodológica ? compreender estes arquivos em uma abordagem etnográfica suscitou perguntas primárias, tal qual em um work de campo ante pessoas: como cheguei ?aqui?, quais são as interlocuções e caminhos para a inserção neste campo; qual a relação como pesquisadora com o objeto de análise, neste caso, permeada por conexões de familiaridade e parentesco, o que leva à segunda questão; quais os desafios e consequências dos vínculos de parentesco com o material e pessoas relacionadas a ele; por fim, de que modo a dimensão material dos arquivos revela vínculos, relações entre pessoas, os limites e motivações no contexto da perseguição política do regime, em deslocamentos e migração forçada. Falo sobre memórias materializadas em cartas e correspondências do período datado entre meados da década de 1960 à década de 1970, cuja comunicação em papel possuía forte apelo às relações à distância. Falo sobre relações de distância e proximidade entre familiares, amigos, amores e companheiros de militância materializada nestes papéis que se apresentam como objetos de reflexão sobre condições da existência sensível afetiva e coletiva, bem como das condições de existência da vida material de pessoas no contexto do autoritarismo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: